

ILUMINAR PARA REVELAR: a urgência de um novo paradigma técnico para corpos negros na teledramaturgia

Tamara Oliveira Araújo
Universidade Federal Fluminense – UFF

Resumo

Este estudo investiga como os aparatos técnicos de iluminação e maquiagem têm sido adequados para responder aos desafios éticos e estéticos da representação de peles negras nas telenovelas brasileiras contemporâneas, especialmente a partir de 2023, ano em que a TV Globo exibiu três produções com protagonismo negro: *Amor Perfeito*, *Terra e Paixão* e *Vai na Fé* - marcando um avanço no debate sobre representatividade racial. Pretende-se deslocar o debate sobre representatividade para além da quantificação de personagens negros, para uma análise das escolhas técnicas que influenciam sua visibilidade em cena, sob o argumento de que a iluminação é uma escolha política e estética. Deste modo, a intersecção entre técnica audiovisual, representação racial e política demonstra ser um campo que carece de aprofundamento, especialmente no contexto da produção teledramatúrgica nacional de grande audiência.

Baseia-se em experiências práticas acumuladas em mais de 15 anos como Pesquisadora para novelas e séries na TV Globo, onde diretores, fotógrafos e caracterizadores passaram a adotar cuidados específicos para corpos negros, rompendo com padrões visuais historicamente voltados a peles brancas, como os cartões Shirley da Kodak. A fundamentação teórica dialoga com autores como Richard Dyer, bell hooks entre outros e pesquisas mais recentes como a de Sarah Brown, que discutem a centralidade da branquitude no audiovisual. Apesar de avanços perceptíveis no Brasil e nos EUA, ainda há carência de protocolos técnicos consolidados. Assim, a iluminação não é apenas um recurso técnico, mas uma escolha política e estética fundamental para uma representação mais equânime no audiovisual nacional.

Introdução

A produção audiovisual brasileira enfrenta o desafio de revisar práticas históricas de iluminação e maquiagem, tradicionalmente pensadas para peles claras, diante do aumento da presença de corpos negros em telenovelas e produções de grande audiência. Por décadas, padrões como os cartões Shirley da Kodak resultaram em apagamentos e

Pesquisadora de texto na TV Globo. Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense.

distorções da diversidade racial. Este estudo nasce da inquietação teórica e da experiência prática no ambiente televisivo, com foco em novelas como *Vai na Fé* (2023) e *Volta Por Cima* (2025) .

Gilbert Simondon (2014) destaca que a técnica desloca a civilização da palavra para a da imagem, tornando os dispositivos técnicos centrais na mediação cultural. No audiovisual, câmeras, iluminação e maquiagem foram historicamente desenvolvidas para peles claras, dificultando a representação fiel de corpos negros. A técnica carrega normas culturais, portanto adaptar equipamentos e métodos para peles negras implica não só uma mudança estética, mas uma transformação técnica que reconheça a diversidade racial.

O mercado cosmético responde a essa demanda, com marcas como Avon, L'Oréal e Boca Rosa ampliando catálogos para atender aos variados tons de pele, principalmente peles retintas, refletindo a pressão de consumidores negros por maior inclusão.

Metodologia

Esta pesquisa qualitativa adota uma abordagem multidisciplinar que integra revisão bibliográfica, análise documental, observação participante e entrevistas informais para investigar as práticas de iluminação e maquiagem voltadas à valorização das peles negras nas telenovelas contemporâneas brasileiras.

Revisão bibliográfica e análise documental

A revisão bibliográfica realizada contempla estudos centrais que abordam as dimensões técnicas, estéticas e políticas envolvidas na representação da pele negra no audiovisual brasileiro. Esses trabalhos oferecem subsídios relevantes para compreender como práticas historicamente racializadas nas áreas da fotografia, iluminação e maquiagem influenciam diretamente a visibilidade e a valorização dos corpos negros nas imagens em movimento.

Entre os autores analisados, destaca-se Vini Bock (2023), cuja contribuição enfatiza a importância de compreender as especificidades da pele negra em relação à absorção e reflexão da luz. O autor argumenta que a pele negra absorve mais luz do que reflete, o que demanda cuidados técnicos específicos na iluminação e na maquiagem para evidenciar seu

Pesquisadora de texto na TV Globo. Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense.

brilho natural. Essa preocupação estética é exemplificada na análise do filme *Cidade de Deus* (2002), com destaque para o trabalho do diretor de fotografia César Charlone, da maquiadora Anna Van Steen e do diretor de arte Tulé Peak, que utilizaram recursos técnicos para valorizar o brilho da pele dos atores Leandro Firmino e Seu Jorge, promovendo uma representação mais autêntica desses personagens. Bock ainda alerta para o uso indiscriminado de filtros polarizadores, que podem apagar esse brilho característico, comprometendo a qualidade e a expressividade da imagem.

No mesmo campo de reflexão, Felipe Corrêa Bomfim (2017) analisa o desenvolvimento das tecnologias fotográficas e cinematográficas a partir de uma lógica eurocêntrica, que historicamente favoreceu a leitura da pele branca em detrimento da pele negra. Segundo o autor, essa orientação técnica resultou na recorrente subexposição de corpos negros, conforme observado em filmes como *A Filha do Advogado* (1926) e *Também Somos Irmãos* (1949). Em contrapartida, obras como *Compasso de Espera* (1973) e *Alma no Olho* (1974) propõem rupturas estéticas e visuais que questionam os paradigmas hegemônicos. Ao mobilizar o conceito de “cultura da luz”, de Richard Dyer (1997), Bomfim propõe a necessidade de reconhecer os padrões técnicos e simbólicos que privilegiam a branquitude, além de destacar estratégias visuais que permitam representar a pele negra de forma mais justa e potente.

Complementando esse debate, Alexandra Gabriela de Melo da Silva (2025) contribui com uma abordagem voltada ao campo cênico, refletindo sobre a iluminação como prática política na construção de imagens de corpos negros em cena. A partir de sua experiência como iluminadora no Coletivo NEGA (Negras Experimentações Grupo de Artes), a autora demonstra como as escolhas de iluminação moldam narrativas visuais e podem tanto reforçar quanto subverter estereótipos de raça. Seu trabalho propõe um diálogo entre os campos do teatro, da técnica de iluminação e dos estudos pós-coloniais, compreendendo a luz como um gesto performativo que define quais corpos são visibilizados e quais permanecem à margem da cena.

A partir dessas contribuições, é possível afirmar que a maquiagem e a iluminação, frequentemente tratadas como instâncias técnicas, operam como dispositivos simbólicos centrais na construção da imagem do corpo negro. Ao tensionarem os padrões estéticos hegemônicos, essas práticas não apenas ampliam a presença negra nas telas e nos palcos, como também reconfiguram as formas de ver, sentir e significar a negritude no campo audiovisual contemporâneo.

Pesquisadora de texto na TV Globo. Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense.

Observação participante e entrevistas informais

A experiência profissional em bastidores televisivos, possibilitou-me como autora deste trabalho, contato direto com profissionais essenciais para a construção da imagem na teledramaturgia, como diretores de fotografia, maquiadores e diretores. Por meio de conversas e entrevistas informais, foram coletados relatos que evidenciam tanto avanços quanto desafios presentes nas práticas atuais.

Entre os profissionais entrevistados, destaca-se o diretor de fotografia da novela *Volta por Cima*, Alexandre Fructoso, que afirmou não dispor de literatura ou protocolos específicos para a iluminação de peles negras e que, para fundamentar suas decisões, estudou referências internacionais como as séries *Bridgerton* (2020), *This Is Us* (2016) e o filme *Moonlight* (2016). Ele destaca que a atenção à luz sobre peles negras requer uma sensibilidade técnica específica, ainda pouco sistematizada no mercado brasileiro.

No campo da maquiagem, algumas maquiadoras abordadas de maneira informal, relataram a dificuldade frequente em obter produtos que atendam exatamente aos diversos tons de pele negra, tornando comum a prática de misturar bases e corretivos manualmente para garantir continuidade e naturalidade nas cenas. Essa prática evidencia a lacuna no desenvolvimento e disponibilização de produtos que atendam à pluralidade dos tons negros, impactando diretamente a qualidade da representação visual.

Esses depoimentos demonstram que, apesar dos avanços técnicos e do reconhecimento da importância de um tratamento específico para peles negras, ainda há uma carência significativa de referências, protocolos e produtos adequados, exigindo que os profissionais adotem soluções artesanais e inspiradas em práticas internacionais.

Considerações metodológicas

A combinação das metodologias aplicadas — revisão bibliográfica, análise documental, observação participante e entrevistas informais — permite uma análise integrada que aproxima o campo teórico das dinâmicas práticas da produção audiovisual. Essa abordagem fortalece a validade dos resultados e contribui para a ampliação do debate sobre a iluminação e maquiagem como atos técnicos e políticos fundamentais para a representatividade das peles negras nas telenovelas brasileiras contemporâneas.

Fundamentação Teórica

Richard Dyer (1997) e bell hooks (1992) refletem sobre a branquitude como padrão visual dominante naturalizado. Sarah Brown (2019) propõe uma revisão técnica completa para valorizar peles negras. Pesquisas brasileiras (Cândido; Oliveira, 2023) apontam a persistência da invisibilidade técnica e simbólica das peles negras. A série *Insecure* (HBO), com direção de fotografia de Ava Berkofsky, é exemplo de inovação técnica consciente. No Brasil, centros de pesquisa cosmética da L'Oréal ilustram avanços no atendimento à diversidade.

Vilém Flusser (2011), em *Filosofia da Caixa Preta*, problematiza a aparente neutralidade dos aparatos técnicos, argumentando que dispositivos como câmeras e sistemas de iluminação operam segundo “programas” que moldam e condicionam a produção de imagens. No contexto do audiovisual, essas tecnologias foram historicamente calibradas para corpos brancos, o que resulta na redução da visibilidade ou apagamento de peles negras. Assim, escolhas técnicas como a iluminação e a maquiagem voltadas para valorizar a estética da pele negra configuram-se como atos políticos e contra-hegemônicos, ao romperem com o automatismo dos dispositivos e tornarem visíveis outras possibilidades de representação.

Ao abordar a iluminação e a maquiagem de peles negras no audiovisual como práticas técnicas, é imprescindível compreendê-las também como construções simbólicas, sociais e políticas. Nesse sentido, Stuart Hall (1997) oferece uma contribuição teórica essencial ao afirmar que as representações não apenas refletem o mundo, mas o constroem, participando ativamente da produção de significados, identidades e posições de sujeito. A forma como a pele negra é iluminada, maquiada e enquadrada na linguagem audiovisual não é neutra: ela carrega significados históricos e ideológicos que reforçam ou desafiam os sistemas de poder e dominação racial.

Quando determinados corpos são iluminados de forma a ressaltar sua beleza, textura e individualidade, isso implica uma escolha estética e política que atua sobre o campo da visibilidade. Da mesma forma, quando a maquiagem falha em atender à diversidade dos tons de pele negra ou quando a luz apaga ou distorce esses corpos, o que está em jogo é muito mais do que uma falha técnica — trata-se da reprodução de uma lógica histórica de apagamento, tal como Hall descreve no processo de construção de identidades a partir da diferença, da exclusão e do "Outro".

Pesquisadora de texto na TV Globo. Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense.

Assim, os debates sobre iluminação e maquiagem de peles negras se inscrevem na arena da representação como um campo de disputa simbólica. Escolher iluminar com cuidado uma pele negra, criar protocolos específicos, desenvolver produtos adequados e buscar referências estéticas que valorizem esses corpos significa tensionar a hegemonia das imagens brancas que historicamente dominaram o audiovisual. É, portanto, um gesto que dialoga com o pensamento de Hall sobre a importância de redefinir as formas como os sujeitos subalternizados são representados, como maneira de afirmar sua agência e reconfigurar as fronteiras da identidade negra na cultura midiática contemporânea.

Análise e Resultados

A análise evidencia que a “falta de protocolos técnicos formais” configura um entrave significativo para a valorização da pele negra no audiovisual brasileiro. Contudo, permanece em aberto o questionamento sobre as razões que sustentam essa ausência: estaria ela relacionada a uma resistência institucional enraizada nas emissoras? Ou talvez a fatores econômicos, como custos envolvidos na atualização de equipamentos e capacitação? Poderia ainda decorrer de uma lacuna na formação técnica dos profissionais do setor? Ou, mais provavelmente, seria fruto de uma combinação complexa desses elementos? Aprofundar essa reflexão é fundamental para compreender os obstáculos reais e potenciais caminhos para a construção de um audiovisual mais inclusivo e representativo.

O estudo reforça que a diversidade de elenco exige práticas conscientes de iluminação, maquiagem e filmagem, sendo o aperfeiçoamento técnico um imperativo ético.

Conclusão

A investigação realizada permitiu constatar que os dispositivos técnicos do audiovisual — especialmente os relacionados à iluminação e à maquiagem — exercem influência direta sobre os regimes de visibilidade racial nas imagens televisivas e cinematográficas. Tais dispositivos, embora frequentemente tratados como neutros ou universais, são orientados por paradigmas estéticos que historicamente marginalizam corpos negros e não contemplam suas especificidades cromáticas e fenotípicas.

O estudo evidenciou que a ausência de protocolos técnicos voltados à valorização
Pesquisadora de texto na TV Globo. Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense.

da pele negra não está atrelada à indisponibilidade de recursos tecnológicos nem à inviabilidade econômica de sua implementação. Exemplos como a série *Insecure*, nos Estados Unidos, demonstram que é possível desenvolver linguagens visuais que priorizem a estética negra, desde que haja intenção política, técnica e institucional para tal. No campo mercadológico, destaca-se o reposicionamento da L'Oréal, uma das maiores empresas de cosméticos do mundo, que passou a investir fortemente em linhas específicas para peles negras e em campanhas de publicidade voltadas à diversidade racial. Esse movimento não apenas expandiu seu mercado consumidor como também conferiu legitimidade simbólica às demandas por maior representatividade nos padrões de beleza e consumo.

A análise desses casos permite concluir que já existem soluções tecnológicas e modelos de negócio viáveis que respondem à demanda por uma estética mais plural. Do ponto de vista técnico, os dados indicam a necessidade de revisão dos procedimentos operacionais que envolvem iluminação, uso de filtros, caracterização estética e calibragem de câmeras e monitores, com vistas à produção de imagens que respeitem e valorizem a diversidade racial da população brasileira. Tais ajustes requerem, ainda, a inclusão de profissionais negros nos processos criativos e decisórios, contribuindo para a incorporação de outras epistemologias e sensibilidades visuais.

Em síntese, o estudo reforça que a técnica é também campo de disputa simbólica. Os parâmetros que definem o que é “bem iluminado” ou “adequadamente maquiado” são historicamente construídos e racialmente marcados. Incorporar a diversidade como valor estruturante das práticas estéticas e produtivas não é apenas uma resposta ética e política, mas também uma estratégia técnica e mercadológica coerente com as transformações em curso na indústria audiovisual global.

Palavras-chave

Antirracismo no audiovisual; Iluminação de peles negras; Produção televisiva brasileira.

Referências

- AVON. *Avon estuda a diversidade cromática da pele brasileira e amplia portfólio de produtos para peles negras*. Cosmetic Innovation, 2024. Disponível em: <https://cosmeticinnovation.com.br/avon-estuda-a-diversidade-cromatica-da-pele-brasileira-e-amplia-portfolio-de-produtos-para-peles-negras/>. Acesso em: 22 jun. 2025.
- BERKOFISKY, Ava. *Insecure* (HBO). Direção de fotografia inovadora com foco em peles negras. EUA: HBO, 2016–2021.
- Pesquisadora de texto na TV Globo. Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense.

- BOCK, Vini. *Fotografando peles negras: o brilho*. MonsterCam, 2023. Disponível em: <https://www.monstercam.com.br/blog/fotografando-peles-negras-o-brilho-por-vini-block/>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- BOMFIM, Felipe Corrêa. Luzes, sombras, corpos: a exposição da pele negra no cinema brasileiro. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS DE CINEMA E IMAGEM MOVENTE (SOCINE), 2017, São Paulo. *Anais digitais*. São Paulo: SOCINE, 2017. Disponível em: https://associado.socine.org.br/anais/2017/16862/felipe_correa_bomfim/luzes_sombras_corpos_a_exposicao_da_pele_negra_no_cinema_brasileiro. Acesso em: 10 jul. 2025.
- BROWN, Sarah. Lighting Black Skin: Towards an Aesthetic of Recognition in Contemporary Cinema. *Journal of Film and Video*, v. 71, n. 4, p. 3–16, 2019.
- CÂNDIDO, Hudson; OLIVEIRA, Thais. (Re)existência negra na TV: *Espelho*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 2023. *Anais*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/questao-de-pele-os-cartoes-shirley-e-os-padroes-raciais-que-regem-industria-visual/>. Acesso em: 22 jun. 2025.
- CASTRO, Mayra. 50 tons de base: indústria da beleza amplia paleta e produz maquiagem para mais cores de pele. *O Globo*, Rio de Janeiro, 6 ago. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/negocios/noticia/2024/08/06/50-tons-de-base-industria-da-beleza-amplia-paleta-e-produz-maquiagem-para-mais-cores-de-pele.ghml>. Acesso em: 22 jun. 2025.
- DYER, Richard. *White: essays on race and culture*. London: Routledge, 1997.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2011.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOOKS, bell. *Black looks: race and representation*. Boston: South End Press, 1992.
- L'ORÉAL. *Centro de Inovação em Beleza e Diversidade*. Rio de Janeiro: L'Oréal Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.loreal.com/pt-br/brazil/>. Acesso em: 22 jun. 2025.
- MAKE PLURAL: indústria de cosméticos potencializa a diversidade brasileira. *Vogue Brasil*, 2024. Disponível em: <https://vogue.globo.com/vogue-negocios/noticia/2024/09/make-plural-industria-de-cosmeticos-potencializa-a-diversidade-brasileira.ghml>. Acesso em: 22 jun. 2025.
- SILVA, Alexandra Gabriela de Melo da. Qual é a luz que nos toca? A iluminação cênica e a pele negra. *A Luz em Cena: Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas*, Florianópolis, v. 5, n. 09, p. 1–14, 2025. DOI: 10.5965/27644669050920250401. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/aluzemcena/article/view/27090>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- SIMONDON, Gilbert. *Do modo de existência dos objetos técnicos*. Tradução: João José de Carvalho. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.
- TV GLOBO. *Amor Perfeito*. Direção: André Câmara. Exibição: mar.–set. 2023.
- TV GLOBO. *Vai na Fé*. Direção: Paulo Silvestrini. Roteiro: Rosane Svartman. Exibição: jan.–ago. 2023.
- TV GLOBO. *Volta Por Cima*. Direção: André Câmara. Roteiro: Claudia Souto. Exibição: set. 2024 –abr. 2025